

O uso do Facebook no processo ensino-aprendizagem de enfermagem: um relato de experiência

Aline de Paula, Carmen Elizabeth Kalinowski, Vanessa B. Comassetto A. Oliveira, Suelen da Silva Ribeiro, Reinaldo Miguel Dolny Massoquetti, Isabel Cristina Kowal Olm Cunha
Universidade Federal do Paraná (Curitiba, Brasil)

Correspondencia: aline.paulla94@gmail.com (Aline de Paula)

Introdução

Atualmente, os avanços tecnológicos vêm se inserindo cada vez mais na sociedade, com destaque para o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), as quais, no âmbito da educação, vêm aprimorando as relações no processo ensino-aprendizagem,¹ bem como contribuindo com a inserção de novas abordagens metodológicas.

Dentre as ferramentas que compõem as TIC, há a rede social, uma “rede virtual inter-relacional que permite estabelecer laços de conhecimentos entre pessoas”,^{2:104} podendo ser um recurso mediador e provocador de conhecimento. Uma das redes sociais é o Facebook, o qual permite o gerenciamento individual e coletivo de páginas, fotos, vídeos, *hiperlinks*, com diferentes níveis de autorização de acesso aos conteúdos, como privado, somente membros e público, dispendo de notificações que contribuem como memória e de caixas de texto para que os usuários possam interagir, tanto privativa, quanto publicamente. Uma das ferramentas do Facebook é o “grupo”, que tem como objetivo interagir pessoas por meio de interesses e afinidades.

Considerando a predominância da geração Y no ambiente universitário, entendida como geração contemporânea ao avanço tecnológico e que dispõem de habilidades para a absorção e manejo das TIC,³ torna-se interessante e promissora a incorporação dos recursos que a internet disponibiliza nas atividades de ensino-aprendizagem em enfermagem, permitindo a produção colaborativa para compartilhamento e construção de novos conhecimentos.⁴⁻⁶

Diante do exposto, objetivou-se descrever a utilização da ferramenta “grupo”, da rede social Facebook, para promover a construção de conhecimentos de temas abordados com os acadêmicos do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Paraná.

Metodologia

A experiência relatada ocorreu a partir de um projeto de Iniciação Científica, intitulado “O ambiente virtual como

instrumento didático para o ensino em enfermagem”, realizado em abril de 2014, com duração de três semanas.

O universo foi composto de 37 acadêmicos devidamente matriculados na disciplina “Enfermagem como Profissão” a qual, na época, era regularizada no primeiro período do curso. Do total, apenas 25 compuseram a amostra.

A referida disciplina consiste na análise do trabalho da Enfermagem relacionado à atenção em saúde, na formação/ensino/produção do conhecimento, análise da tendência da atuação da Enfermagem, de contribuições científicas, dos avanços sociais da profissão e entender como funcionam e são regularizadas as Entidades representativas da categoria. Apresenta uma carga horária de 30 horas semestrais, as quais permitem a discussão de temas que possibilitam conhecer um pouco mais sobre a profissão.

A equipe de pesquisa foi composta por três acadêmicos de Iniciação Científica e a pesquisadora principal, professora responsável pela disciplina. A quantidade de pesquisadores definiu a fração de grupos, sendo o tema respectivo de cada grupo, de escolha da pesquisadora principal. Considerando a ementa da disciplina, foram abordados os respectivos temas: “mercado de trabalho e salário”; “representação social da enfermagem”; e, “áreas de atuação do enfermeiro”. O modo como procederia a atividade foi explicado em sala de aula, sanando todas as dúvidas que surgissem.

Virtualmente, a pesquisadora principal supervisionava as ações dos demais pesquisadores que coordenaram, individualmente, cada grupo, publicando um tema a cada semana. Foram realizados, também, três encontros presenciais com os participantes da pesquisa, sendo um em cada semana. Nos dois primeiros encontros foram abordadas as respectivas publicações de cada semana e, no terceiro, os fatores facilitadores e dificultadores da participação, bem como a possibilidade de emergirem outras questões pertinentes ao assunto.

Os dados foram coletados e registrados em uma matriz construída com elementos quantitativos e qualitativos, sendo os primeiros com relação ao número de curtidas, comentários, visualizações e quais recursos utilizados para acrescentar novas informações nos comentários. A análise quantitativa se deu a partir de estatística simples e os elementos qualitativos,

por meio de análise de conteúdo.⁷ A partir da análise qualitativa dos comentários, emergiram-se as categorias: “agrega novas informações”, como novas notícias ou publicações com fonte diferente da informada pelos coordenadores; “não agrega novas informações, porém é pertinente”, isto é, uma concordância com argumentação; “não agrega novas informações, nem é pertinente”, uma simples concordância, sem argumentação. Fez-se necessária, também, a categorização do tipo de interação: ausência de interação, interação somente com o coordenador e interação entre os pares, ou seja, entre os outros participantes do grupo.

Ocorreram dois momentos para a avaliação da experiência, sendo o primeiro, ao finalizar a aprendizagem virtual e, o segundo, após o terceiro encontro presencial com os participantes.

Atendendo às normas nacionais e internacionais de ética em pesquisa envolvendo seres humanos, o projeto foi aprovado sob parecer n. 577.709, emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná.

Resultados

A análise da primeira publicação de cada grupo apontou que seis (24%) participantes curtiram, 12 (48%) somente visualizaram e 12 (48%) comentaram, correspondendo a um

total de 27 comentários. Apenas um (4%) não visualizou a postagem.

Desses comentários, 12 (44,4%) agregavam novas informações, seis (22,2%) não agregavam novas informações, porém eram pertinentes e, nove (33,3%) não agregavam novas informações e nem eram pertinentes. Dos recursos utilizados, um (3,7%) comentário apresentava conteúdo em *Print Screen* e seis (22,2%), com *hiperlinks*. Em relação à interação, 24 (88,8%) comentários remetiam apenas à publicação dos coordenadores, enquanto que três (11,1%), além de comunicarem-se com os pesquisadores, ainda interagiram com outros membros.

Na segunda semana, não houveram curtidas, cinco (20%) participantes comentaram, 11 (44%) somente visualizaram, e nove (36%) nem chegaram a visualizar a publicação. Dos nove (100%) comentários publicados, quatro (44,4%) agregavam novas informações, dois (22,2%) não agregavam novas informações, mas eram pertinentes e, três (33,3%) não agregavam novas informações, nem eram pertinentes. Quanto aos recursos utilizados, três (33,3%) apresentavam *hiperlinks*. Todos os comentários remetiam apenas à publicação do coordenador, sem interação entre os outros membros. Para os dados serem melhor elucidados, elaborou-se a Tabela 1.

Tanto na primeira semana como na segunda, a maioria dos participantes interagia fora do horário curricular, entre 19h00 e 23h59 ou em fins de semana.

Tabela 1. Dados obtidos a partir das publicações. Curitiba, PR, Brasil, 2014

	Curtidas		Comentou		Apenas visualizou		Não visualizou	
	n	(%)	n	(%)	n	(%)	n	(%)
Primeira publicação	6	24	12	48	12	48	1	4
Segunda publicação	0	0	5	20	11	44	9	36

Fonte: Os autores (2014)

Discussão

A partir dessa experiência, observou-se que os acadêmicos conectavam-se à rede social e participavam das atividades, muitas vezes, em horários extracurriculares e de onde desejassem, sendo em casa, no trabalho ou até mesmo na Universidade. Tal dado corrobora com estudo realizado em São Paulo/SP, que utilizou a plataforma *Moodle* como ambiente virtual de aprendizagem,⁸ apontando a “flexibilidade de tempo e local” relatada como “vantagens” pelos participantes.

Diante das atribuições do coordenador de cada grupo, como permitir o compartilhamento de informações e ter autonomia para realizar contribuições aos comentários realizados pelos acadêmicos, entendeu-se que essa ação garantiria uma elevada atuação dos acadêmicos,⁵ entretanto, a participação, no presente estudo, foi baixa. Tal fato por ser justificado pela distância transacional, um espaço psicológico e comunicacional entre docente-discente num ambiente educacional, como nos cursos de ensino à distancia.⁹

A participação voluntária, sem atribuição de nota também foi analisada como justificativa para a baixa participação neste estudo. Em contrapartida, esse dado se contrapõe quando analisado com estudo realizado em São Paulo/SP, o qual

também não havia atribuição de nota, porém obteve um elevado índice de postagens pelos participantes.¹⁰ Outro ponto relevante foi que os alunos não receberam nenhum tipo de certificação pela participação. Esse fato também pode ser considerado uma justificativa pela baixa participação, uma vez que o tempo dedicado pelos estudantes não seria computado em seus currículos, nem na disciplina.

O sentimento de autonomia, bem como a responsabilização, pode ser observado como um elemento importante.^{8,11,12} Na análise final, junto aos participantes, constatou-se que essa abordagem de ensino contribuiu para o desenvolvimento da característica autodisciplina, além do gerenciamento do tempo e local, visto que os mesmos se encontravam no início da graduação e, ainda, habituados com um método tradicional de ensino, isto é, com aulas expositivas.

Outra característica também em desenvolvimento é a busca e interesse pelo conhecimento em relação aos temas abordados, o que remete ao componente “participar politicamente” do processo de trabalho do enfermeiro. Sabe-se que o interesse por esse tema, em geral, é pequeno,¹⁰ como demonstrado em uma revisão integrativa,⁶ no qual nenhum artigo que relate o aprendizado do componente “participar politicamente”, por meio de rede social, foi encontrado.

Considerações finais

Foram considerados pontos positivos: o fator incentivador (para gerenciamento de tempo e local; autonomia, responsabilização e autodisciplina, conhecimentos de participar politicamente) e o baixo-custo.

Como pontos negativos, a distância transacional, a grande expectativa por parte da equipe e o não registro de carga horária das atividades à distância. Logo, em estudos futuros, recomenda-se que sejam computadas as horas de participação em atividades virtuais, a fim de garantir uma maior participação.

Referências

1. Pimenta ELL. O uso das tecnologias de informação e comunicação no ensino de língua portuguesa na cidade de Anápolis, Goiás. (Dissertação de mestrado). Anápolis (GO): Centro Universitário de Anápolis – UNIEVANGELICA; 2015.
2. Associação para a promoção e desenvolvimento da sociedade da informação. Glossário da Sociedade da informação. Lisboa (PT); 2011. Disponível em: <http://www.apdsi.pt/uploads/news/id432/gloss%C3%A1rio%20da%20si%20-%20vers%C3%A3o%202011.pdf> [acesso: 03/08/2014].
3. de Aguiar GA, da Silva JFM. Geração Y e as ferramentas de redes sociais: novas perspectivas para as bibliotecas universitárias. XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. 2013;(25):1-16. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1403> [acesso: 20/06/2018].
4. Cogo ALP, Pai DD, Aliti GB, Hoefel HK, et al. Casos de papel e role play: estratégias de aprendizagem em enfermagem. Rev. bras. enferm. 2016;69(6):1231-5. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0277> [acesso: 15/06/2018].
5. Kakushi LE, Évora YDM. Social networking in nursing education: integrative literature review. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2016;(24):e2709. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.1055.2709> [acesso: 20/06/2018].
6. Mesquita AC, Zamarioli CM, Fulquini FL, de Carvalho EC, Angerami ELS. Social networks in nursing work processes: an integrative literature review. Rev. esc. enferm. USP. 2017;(51):e03219. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1980-220x2016021603219> [acesso: 20/06/2018].
7. Bardin L. Análise de Conteúdo. Lisboa (PT): Edições 70; 2015.
8. De Domenico EBL, Cohrs CR. Plataforma Moodle na construção do conhecimento em Terapia Intensiva: estudo experimental. Acta paul. enferm. 2016;29(4):381-9. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201600053> [acesso: 15/06/2018].
9. Moore MG. Teoria da Distância Transacional. In: Keegan D. Theoretical principles of distance education. London: Routledge; 1993.
10. Alves VLS, Okagawa FS, Parra JFG, Bohomol E, Cunha ICKO. Interatividade virtual: fórum web café em um curso de gestão em enfermagem. Reme, Rev. Min. Enferm. 2015;19(1):127-33. Disponível em: <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20150011> [acesso: 20/06/2018].
11. de Holanda VR, Pinheiro AKB, Holanda ER, Santos MCL. Ensino e aprendizagem em ambiente virtual: atitude de acadêmicos de enfermagem. Reme, Rev. Min. Enferm. 2015;19(1):141-7. Disponível em: <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20150012> [acesso: 10/09/2017].
12. Avelino CCV, da Costa LCS, Buchhorn SMM, Nogueira DA, Goyatá SLT. Teaching-learning evaluation on the ICNP® using virtual learning environment. Rev. bras. enferm. 2017;70(3):602-9. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0545> [acesso: 12/09/2017].

Essa experiência teve como limitação a baixa participação, bem como pouco envolvimento e interesse pelos temas propostos, porém contribuiu pelo fato de descrever a dificuldade de abordar o componente participar politicamente nessa fase da graduação.

Considera-se que, talvez, acadêmicos em períodos mais avançados da graduação teriam maior interação e envolvimento com as publicações. Nesse sentido, entende-se que é necessário, além de potencialmente inédito, estimular, o mais precocemente possível, a participação e mobilização política na formação profissional.